

Sociedades Complexas: indivíduo, cultura e o individualismo

Ricardo Bruno Cunha Campos
CCS-CCHLA-UEPB

Introdução

Este artigo pretende compreender o processo de mundialização que envolve as sociedades ocidentais, tendo como eixo central de análise o processo de formação do indivíduo, da individualidade e do individualismo.

As sociedades ocidentais, estruturadas com base no capitalismo, se desenvolvem em um contexto multicultural, composto de identidades muito diferenciadas, sob o pano de fundo ideológico de uma pretensa homogeneização e universalização. As multiculturas presentes nessas sociedades, fazem parte de uma cultura geral, onde a lógica do capital coloca suas manifestações em uma rede de produção de massa, voltada para o consumo. O que exacerba as inter-relações entre os indivíduos, enquanto produtos e, ao mesmo tempo, produtores da realidade social, magnificando a organização individualista e o individualismo. Considerado como ideologia e base de estruturação moral da sociedade capitalista, o individualismo segue em constante mutação, apresentando forte tendência a radicalização, em meio a uma abundância de recursos

humanos que, a rigor, seriam suficientes para propiciar a felicidade humana.

Com efeito, em países considerados desenvolvidos, como por exemplo a Suíça, a Suécia, os E.U.A., entre outros, as configurações sócio-culturais, apesar de atenderem em grande parte às demandas básicas de necessidades físicas e biológicas dos indivíduos, parecem não satisfazer as necessidades de ordem moral e de coesão social, em um sentido durkheimiano, correspondentes a uma vida social harmônica, e na qual os indivíduos possam estar satisfeitos com o ato de viver. O suicídio, por exemplo, é um fenômeno bastante freqüente naqueles países, demonstrando as mazelas que a objetivação nas relações e a fragmentação do social ao nível individual podem trazer.

Apesar das faces negativas, que acompanham o processo de mundialização e a afirmação da cultura individualista, existe a possibilidade de progresso e de uma visão otimista acerca destas formas culturais, que surgem no bojo do desencantamento do mundo, em um sentido Weberiano. A cultura e a configuração do mundo ocidental que invocam a liberdade no individualismo do consumo e do poder monetário, apresentam um quadro de insatisfação e sofrimento social, seja por necessidades econômicas e materiais, ou por necessidades existenciais, mas, em contrapartida, colocam em relações mais próximas diversas sociedades e tipos culturais peculiares. Estas aproximações ajudam a entender o processo cultural e conseqüentemente apontar caminhos para a resolução de problemas existentes nas sociedades, em busca de uma melhor qualidade de vida.

As Culturas e a cultura global fragmentada das sociedades complexas

No final do século XX e início do século XXI, surgiram muitas críticas ao conceito de cultura dentro das Ciências Sociais e, especificamente, da Antropologia. Afirmava-se o fim do conceito de cultura e sua ineficácia para estudo das sociedades e dos indivíduos diante da vida moderna global. Alguns autores como Clifford Geertz e Marshall Sahlins, em contrapartida, fizeram a sua defesa. Neles a cultura apareceu como um conceito fundamental para a reflexão sobre os homens e suas vidas, principalmente no estudo e pesquisa das sociedades contemporâneas e seus indivíduos.

Clifford Geertz, em sua obra *A Interpretação das Culturas* (1978) traz uma enorme contribuição metodológica para pensarmos as culturas relativizando-as e generalizando seus aspectos, enquanto construções simbólicas do *homo rationale*. Geertz nos mostra como a cultura é composta pelo *ethos* e *visão de mundo*, que enquanto valores, construções e práticas se sobrepõem sucessivamente na organização da vida social. Diz ele:

“Como abelhas que voam apesar das teorias da aeronáutica que lhes negam esse direito, provavelmente a grande maioria da humanidade está retirando continuamente conclusões normativas a partir de premissas fatuais (e conclusões fatuais a partir de premissas normativas, pois a relação entre o ethos e a visão de mundo é circular) [...]” (GEERTZ, 1978, p.158).

A fim de desvendar as estruturas de significado dispostas em forma de teia, as quais os próprios homens criam e nela estão imersos, Geertz procura em suas etnografias ou *descrições densas* o que são valores e como eles atuam, sem separar os aspectos objetivos dos subjetivos da vida. Aborda, desta maneira, a cultura e denota um afastamento da postura positivista seguida por Durkheim. Neste

caminho aponta para as diferenças entre suas concepções sobre religião e cultura, e a durkheimiana.

No tocante a questão da objetividade e subjetividade, Geertz parece mais próximo de clássicos das Ciências Sociais como Weber e Simmel, que perceberam uma interpenetração destas duas instâncias da vida. Em contrapartida, ao perceber a religião como agregadora do *ethos* e da *visão de mundo*, aproxima-se de Durkheim, e mais propriamente de Mauss, e sua percepção de religião como representação e reafirmação da vida social e da sociedade e cultura. Ao falar sobre tudo isto diz:

“A necessidade de tal elemento metafísico para os valores parece variar bastante em intensidade de cultura para cultura e de indivíduo para indivíduo, mas a tendência de desejar alguma espécie de base fatural para o compromisso de cada um parece praticamente universal – o mero convencionalismo satisfaz muito poucas pessoas, em qualquer cultura”. (GEERTZ, 1978, 148)

“ [...] a religião fundindo ethos e visão de mundo, dá ao conjunto de valores sociais aquilo que eles talvez mais precisam para serem coercivos; uma aparência de objetividade”. (GEERTZ, 1978,149)

No estudo da cultura e sociedade se faz importante tratar da questão da linguagem e da lingüística, e das formas de comunicação que permite a interação e a criação dos símbolos norteadores da vida social, bem como da própria elaboração de conceitos e teorias sociais. João de Pina Cabral em seu texto, *Semelhança e Verossimilhança: horizontes da narrativa etnográfica* (2003), traz uma discussão sobre a questão da linguagem, da comunicação e da transmissão da mensagem. Tendo como foco a etnografia, o autor afirma que, estando imersos em um mesmo universo simbólico e cultural, os cientistas sociais, partilham

símbolos, conceitos e uma realidade verossímil, que os possibilitam estudar e pensar sobre as diferenças entre as sociedades complexas ou seus grupos.

Para entender as culturas, inclusive a da sociedade que estão incluídos, Cabral propõe que os antropólogos contemplem o fenômeno lingüístico de tradução da palavra/mensagem e suas condições de existência, pensando suas categorias culturais de verossimilhança, que possibilitam o estudo da pluralidade cultural humana.

Deve-se, assim, pensar, estudar e resgatar as diferenças, refletindo constantemente sobre as semelhanças. A capacidade humana de comunicação e da tradução oferece a possibilidade da generalização do estudo da cultura através da categoria de verossimilhança, ao estudar a pluralidade e as diferenças através da singularidade que une indivíduos, enquanto sujeitos de um social determinado. A realidade de uma cultura dada encontrar-se-ia, então, ligada e estudada pela abstração e generalização relativizante. Cabral esclarece esta questão:

“Mais uma vez, não proponho que tal pudesse ser feito por meio de uma qualquer cosmologia estruturada e finalista. Pelo contrário, a relação da etnografia com o mundo nos casos etnográficos que mais nos surpreendem é uma parecida com os sistemas de controle conhecidos como fuzzy logic – uma aproximação progressiva e interativa, aberta à manipulação dos termos.” (CABRAL, 2003, p. 119).

Percebe-se que Cabral partilha o ponto central aqui proposto, de que uma teorização científica e o estudo do social são uma construção. Construção onde o diálogo e a comunicação devem ser observados constantemente e construídos no interior de um processo aberto. A subjetividade e a objetividade, neste caso, aparecem interdependentes e em fluxo.

Ao partir dessa ótica se faz necessário um diálogo permanente com os clássicos. Os mais pertinentes trabalhos enquanto ensaios teóricos abertos, que observaram a interpenetração dos aspectos objetivo nos subjetivos e viceversa, surgem a partir da obra de Georg Simmel, que decifrou eficazmente a cultura moderna, a sociabilidade imanente a ela, e os indivíduos e suas conformações.

A veia compreensiva e interpretativa de Weber aparece, também tão forte quanto o estilo ensaístico de Simmel, que propõe um conhecimento científico aberto e em constante tensão e constituição.

A tradição das Ciências Sociais e os clássicos dão um suporte teórico fundamental ao estudo da vida social moderna e do individualismo que se intensificam na virada do século XIX par o XX, em que escrevem. Simmel analisou a vida na cidade e as relações entre seus indivíduos, observando a divisão do trabalho como fenômeno histórico que contribuiu e acarretou o processo de crescimento das relações objetivas e impessoais, em detrimento da pessoalidade da cultura subjetiva tradicional e sua configuração. Simmel afirma que na modernidade as relações entre os homens não só se ampliam, como as múltiplas e complexas relações de projetos individuais ou coletivos e tensões entre os mesmos começam a surgir:

“Contribuiu para o encadeamento e para a integração da vida moderna a nossa divisão do trabalho [...] Conseqüentemente, vemos que o dinheiro instaura incomparavelmente mais laços entre os homens que nos estágios da associação feudal e da reunião arbitrária [...]” (SIMMEL, 1998, p. 27)

Simmel detecta um crescimento da capacidade das comunicações e relações entre os homens, abrangendo maiores e mais complexas esferas sociais. Uma cultura de objetivação das inter-relações entre os

indivíduos e grupos surge na modernidade de forma especializada e fragmentada. O individualismo na cultura moderna traz indiferença e impessoalidade nas inter-relações. A atitude *blasé* aparece, e os laços sociais se alargam cada vez mais à medida que a cultura e a mentalidade moderna abstraem-se e objetivam-se. O homem moderno não está preso a nada, ou quase nada; os grilhões tradicionais fragmentam-se e o dinheiro aparece como o mecanismo de mediação mais eficaz, de maior abstração e objetivação para essa liberdade das impessoalidades e indiferenças que geram novas formas de organização social e de seu ordenamento. Diz ele:

“Nessa função o dinheiro confere, por um lado, um caráter impessoal, anteriormente desconhecido, a toda atividade econômica, por outro lado, aumenta proporcionalmente, a autonomia e a independência da pessoa”.(SIMMEL, 1998, p. 25)

Simmel percebe então a cultura como construção humana, formada por arranjos simbólicos, através das ações sociais dos indivíduos em interação. Indivíduos estes que na época que ele estuda se apresentam através de um *ethos* e *visão de mundo* (GEERTZ, 1978) de cunho individualista e de relações culturais múltiplas e complexas. Ele estuda e compreende a realidade percebendo a esfera subjetiva mais e mais desenvolvida nos indivíduos. Onde a cultura configura e é configurada.

O autor aprecia a liberdade individual, por um lado, mas ressalta, por outro, o perigo da perda da capacidade crítica sobre as condições de vida dos indivíduos e sua cultura. Pode ocorrer a perda da individuação e da reflexão, emergindo o perigo da insatisfação e infelicidade na vida moderna, instrumentalizada e objetivada pelo dinheiro. A individualidade se torna o valor existencial dos homens, podendo gerar

a coisificação dos humanos e a perda da percepção do todo social em que estão inseridos e vivem. Ressalta aqui, que este tipo de comportamento afeta também a ciência e os cientistas, que hoje em dia, mais ainda, podem cair na armadilha da objetificação e da reificação. Simmel fala assim sobre a cultura moderna:

“As correntes da cultura moderna deságuam em duas direções aparentemente apostas: por um lado, na nivelação e compensação, no estabelecimento de círculos sociais cada vez mais abrangentes por meio de ligações com o mais remoto sob condições iguais; por outro lado, no destaque do mais individual, na independência da pessoa, na autonomia da formação dela.” (SIMMEL, 1998, p. 28)

Sobre o reflexo futuro desse processo da vida e cultura moderna, e sobre o individualismo e a objetivação da cultura ocidental, Simmel mostra-se, contudo, esperançoso em meio aos problemas que surgem e poderão se agravar:

“Prefiro acreditar, no entanto que a idéia da mera personalidade livre e da mera personalidade singular, não sejam ainda as ultimas palavras do individualismo. Ao contrário, a esperança é que o imprevisível trabalho da humanidade produza sempre mais, e sempre mais variadas formas de afirmação da personalidade e do valor de existência” (SIMMEL, 1998, p. 117)

O francês Louis Dumont, por sua vez, retorna a discussão sobre o individualismo e a cultura moderna fragmentada, aparecendo como outro autor de importância fundamental para a compreensão do fenômeno cultural moderno e do individualismo. De tradição antropológica francesa, herdeiro de posições durkheimianas e, principalmente maussianas, Dumont percebe os indivíduos sociais sendo

construídos exteriormente pela sociedade. A pessoa, o indivíduo social, é formado pelo aprendizado e pela socialização, pela coerção do todo, ou pela consciência coletiva que tem caráter coercivo sobre os indivíduos.

Diante de uma postura teórica de cunho mais holista, é possível diferenciá-lo de Simmel que se centra mais em uma micro-sociologia e nos sujeitos. Dumont também coloca a questão simbólica e da relatividade quando admite que os sujeitos em suas ações recriam e fundam novas configurações da vida social, mesmo que de uma maneira inconsciente. A subjetividade dos indivíduos seria, então, entendida como um reflexo da objetividade criada pela sociedade em seu todo, e formada e processada pelos mesmos indivíduos em interação e comunicação constantes. A cultura seria, assim, entendida como um processo que se desenrola no caminhar das civilizações, dentro de interconexões entre os modos objetivo e subjetivo, mesmo que o subjetivo seja entendido, ainda, de forma inconsciente e de viés estruturalista.

Verena Stolcke, em seu artigo intitulado *Gloria o Maldición del Individualismo Moderno según Dumont* (2001), parte da hipótese de que fica clara a postura estrutural-comparativa de Louis Dumont ao estudar os problemas da relação entre indivíduo e sociedade. Dumont, em sua obra, parte de uma perspectiva histórica, estudando e comparando as civilizações através dos sistemas de idéias-valores ou das formas ideológicas de culturas distintas. Com os conhecimentos adquiridos sobre a cultura da Índia, ele a compara com a vida e cultura ocidental, retrazando o percurso histórico do caminhar da civilização ocidental e dos indivíduos que nela emergem.

Estuda, a gênese, o surgimento e o caminhar da ideologia individualista atual, no capítulo, "*Do Indivíduo-no-mundo ao Indivíduo fora-do-mundo*", constante no livro, *O Individualismo – Uma perspectiva*

antropológica da ideologia moderna (1985, pp. 35 a 71). Neste artigo o autor acredita, e esta é sua tese, que algo do individualismo moderno e contemporâneo aparece e está presente desde o início da era cristã e no berço da civilização ocidental, mesmo quando aí o conjunto de idéias-valores das sociedades situava o indivíduo no extramundano.

Dumont percebe o indivíduo extramundano baseando-se na sociedade indiana, lugar em que uma sociedade holista se manifesta, e o todo social e não o indivíduo é o valor supremo e base da sociabilidade. O que constrange o indivíduo enquanto ser peculiar, sendo esta a base da coesão social, restando ao indivíduo a única possibilidade de liberdade, e bastando-se a si mesmo somente no extramundano, fora do mundo social, na figura do renunciante.

Diferente da contemporaneidade, onde o indivíduo busca sua liberdade e basta a si mesmo no mundo social. Dumont busca caracterizar a origem das concepções sobre indivíduo e as etapas de transformação que se segue no desenrolar histórico ocidental. O indivíduo é entendido sob uma dupla perspectiva. Uma exterior e objetiva, como algo de fora que une os indivíduos e os fazem seres sociais, e os toma como universais, e outra de cunho interno, subjetiva, que seriam os valores pessoais como seres específicos.

Parece claro que para Dumont é possível estudar e trabalhar as sociedades a partir das culturas. Segundo Stolcke (2001), Dumont ao colocar em jogo os próprios valores enquanto antropólogo e indivíduo social, dá uma guinada metodológica que ajuda a Antropologia e os estudos sobre o social avançarem. Ela afirma, também, que Dumont, assim, como nos parece, aqui, em relação a Simmel, percebe o perigo e os desafios da nova sociabilidade moderna. Segundo Stolcke,

“El Individualismo es el valor cardinal de las sociedades modernas. El surgimiento del individualismo significará silmultáneamente la

ceguera ante lo social. La ideología moderna es individualista en la medida en que valora al individuo concebido como sujeto moral, independiente y autónomo e ignora o subordina la totalidad social. Según esta configuración de ideas-valores el individuo posee atributos como la igualdad y la libertad". (STOLCKE, 2001, p. 13)

Fala, também, da percepção de Dumont sobre o individualismo como ideologia, que separa e faz a distinção entre sujeito e objeto, cara também à análise de Simmel. Stolcke ressalta, assim, o mérito de Dumont em expor as várias faces do individualismo e, portanto, da cultura moderna.

Marshall Sahlins, em sua obra e no belíssimo artigo, *“O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção”* (1997, 1997a), faz uma defesa da cultura enquanto categoria, latente e importantíssima na análise do social e dos indivíduos.

Sahlins resgata o conceito de cultura desde o seu surgimento e sua gênese, colocando como central nesta revisão o processo de globalização e mundialização das sociedades. Admite e ressalta a existência da resistência cultural entre culturas em contexto, e de formas de civilização e sociedades particulares, que se sentem ou são interpretadas como desfavorecidas dentro desse processo.

Coloca a cultura como sendo um processo de intercâmbio entre indivíduos, grupos e sociedades. A busca pelo domínio do exterior e da natureza, então, segundo ele, fazem parte da própria cultura e da sua essência enquanto busca pela vida e perpetuação. O domínio do mundo é o domínio sobre os sujeitos em interação em uma sociabilidade dada, e isso é inerente à reflexão racional do humano. Em Sahlins, então, para se entender e estudar a cultura contemporânea, têm-se que estar atento a história cultural do capitalismo, e perceber, também, a

autonomia cultural dos povos “primitivos”, no processo de inclusão e interação com a cultura capitalista em uma ideologia universalista.

A cultura globalizada atual parece trazer, em si, a idéia do homem como ser mundial e cosmopolita. Esta uniformização cultural ideologizada, aparece em autores pós-modernos e desconstrucionistas como um dado natural, que os fazem atacar o conceito de cultura e criarem uma outra ruptura com a tradição antropológica. Sahlins, ao contrário, discute com os pós-modernistas, e afirma que as culturas e os povos considerados como menores não são passivos no intercâmbio da cultura global, mas, são sociedades e povos resistentes no interior do processo geral migratório, que exacerba e se mostra presente na uniformidade capitalista da recriação das formas de vida local. Na resistência reatualizam a tradição, e recriam a cultura em novas configurações sociais específicas.

A uniformização do espaço gera a diversidade e o multiculturalismo. Os povos colonizados e absorvidos pelo processo de mundialização não se entregam facilmente à dominação mas, quando se integram à lógica capitalista, tentam adaptar o sistema aos valores tradicionais.

Para embasar suas posições, Sahlins cita a experiência etnográfica de três antropólogos, Rena Lederman, Epeli Hau’ofa e Terry Turner, afirmando que *“Cada um deles se deparou com uma certa indigenização da modernidade que não havia sido antecipada pela antropologia tradicional”* (SAHLINS, 1997, p.58). Entende esta indigenização, como recriação original e resistente das formas de cultura subjugadas. E afirma categoricamente:

“A ‘cultura’ não tem a menor possibilidade de desaparecer enquanto objeto principal da antropologia – tampouco, aliás, enquanto

preocupação fundamental de todas as ciências humanas." (SAHLINS, 1997, p. 41)

Diante de todas as dúvidas que atormentam o conceito de cultura, como resultado do turbilhão de mudanças na estruturação das sociedades em um mundo global, Sahlins invoca, por fim, que o que nos resta é "(...) *explorar toda essa imensa variedade de processos culturais e relações interessantes.*" (SAHLINS, 1997^a, p. 149)

Diretrizes e Conclusões

Neste artigo, caminhamos no sentido de enaltecer a análise da cultura e da ideologia, e seus processos e multi-configurações, como condição fundamental do estudo da sociedade, não só por parte da antropologia, mas por parte das Ciências Sociais como um todo. A compreensão dos processos sociais e da vida humana na atualidade, bem como os seus problemas, só poderá ser processada quando os cientistas sociais enxergarem a si próprios produzindo e vivendo imersos nas teias de representação simbólica de uma cultura ocidental, moderna e individualista de que fazem parte. Podendo, assim, exercitar um distanciamento reflexivo e crítico de si mesmos e da realidade global, ou participar, nela imersa, tomado como objeto de estudo.

Para decifrar a cultura é necessário, então, dar-se conta das peculiaridades e das diferenças que se tornam cada vez mais complexas e diversificadas na sociedade humana global contemporânea. Buscando, deste modo, as particularidades dentro de um mesmo processo cultural, através de tentativas de uma tradução das mensagens nelas contidas, ampliando as esferas metodológicas e teóricas para o seu estudo e compreensão como tensão e recriação social e cultural constante.

Referências Bibliográficas

CABRAL, João de Pina. Semelhança e Verossimilhança: Horizontes da Narrativa Etnográfica. **Mana**, v.9, n 1, pp. 109 a 122, 2003.

DUMONT, Louis. "Do indivíduo-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo". **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Capítulo I, Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

GEERTZ, Clifford. "Ethos, Visão de mundo e a análise de símbolos sagrados". In, **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

SAHLINS, Marshall. "O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção". Parte I. **Mana**, v3, n. 1, pp. 41 a 73, 1997.

SAHLINS, Marshall. "O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção". Parte II. **Mana**, v3, n. 2, pp. 103 a 150, 1997a.

SIMMEL, Georg. "O Indivíduo e a Liberdade". In, Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. **Simmel e a Modernidade**. Brasília, Editora da UNB, 1998.

SIMMEL, Gerog. "O dinheiro na cultura Moderna". In, Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. **Simmel e a Modernidade**. Brasília, Editora da UNB, 1998.

STOLCKE, Verena. "Gloria o Maldición del Individualismo Moderno según Louis Dumont". **Revista de Antropología**, v. 44, n. 2, pp. 7 a 37, 2001.

RESUMO: Este artigo pretende apresentar idéias e contribuições de alguns autores das Ciências Sociais, contemporâneos ou anteriores, com o propósito de esclarecer algumas diretrizes que ajudem na compreensão do processo de globalização por que passam as sociedades ocidentais, como também apontar para as características que conformam e configuram os indivíduos que nelas vivem. Os caminhos percorridos pela Sociedade ocidental, as configurações da modernidade, sua sociabilidade e o indivíduo proveniente desta, aparecem aqui com a intenção de esclarecer a realidade atual e promover uma maturação de nossos métodos e pensamentos na teorização social sobre a sociedade contemporânea, ou das sociedades complexas. Assim, a análise da cultura e da ideologia torna-se fundamental para o estudo do social, com ênfase nas peculiaridades e diversificações da sociedade humana global contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, Individualismo, Modernidade, Ciência Social.

ABSTRACT: This article intends to present ideas and contributions of contemporary and anterior authors of Social Sciences, aimed at clearing some guidelines that can help to understand the current world globalization process in western societies, as well as showing the characteristics of the individuals that live in them. The trajectories of those societies, the configurations of their modernity, their sociability and their individuals, are referred in this article with the purpose of elucidate the current reality and improve the methods and visions of the social theory concerning contemporary societies or complex societies. So, the analysis of culture and ideology become essential to study of social, with emphasis in the peculiarities and diversities of contemporary and global human society.

KEY-WORDS: Culture, Individualism, Modernity, Social Science.